

## **ANEXO D**

**Cópia de uma das Cartas de Linhares, como são conhecidas, datada em dezembro de 1969, assinada pelos integrantes da Corrente.**

NÓS, PRÊSOS políticos, abaixo assinados, recolhidos à Penitenciária Regional de Juiz de Fora, encaminhamos ao Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana denúncia das torturas a nos inflingidas, por nos presidiários chegados ao nosso conhecimento. Tais fatos estão ligados principalmente a execução de um Inquerito Policial Militar, sediado em Belo Horizonte, sob a presidência do Tenente Coronel do Exército Alfredo Camarão de Albuquerque, cotando com a participação de elementos do Exército, Polícia Militar e Polícia Civil. Fomos mantidos durante o desenrolar do inquerito e mesmo após seu encerramento, em regime de isolamento carcerário, praticamente sem ver o sol, sem contato com advogados, os menores e sem assistência de curadores e com restrição a visitas, principalmente para que não testemunhassem a existência de marcas deixadas pelas torturas. No momento, como dissemos, estamos recolhidos à Penitenciária Regional de Juiz de Fora, aguardando julgamento, nominalmente, vivendo em regime penitenciário. No entanto, a organização desta vida penitenciária obriga-nos a permanecer recolhidos durante dezenove horas diárias a celas individuais, as quais não têm acesso rádios e jornais, e impõem-nos uma série de restrições, tudo isto em completo desacordo com as leis atinentes.

Sentimos que aqui não estaremos resguardados de possíveis represálias por parte daqueles a quem denunciemos. Portanto, colocamos nas mãos deste Conselho a salvaguarda de nossa integridade e dignidade futuras.

Sejam quais forem as justificativas para seu emprego utilizadas pelo presidente do IPM, que podem ir desde a necessidade de preservar a Segurança Nacional, ameaçada pela "guerra revolucionária" até a simples determinação de demonstrar eficiência, constatamos que a tortura é, em última análise, apenas uma demonstração de degeneração psicológica, ferindo os mais elementares princípios e preceitos das convenções sobre tratamento de prisioneiros de guerra da Declaração Universal dos Direitos do Homem e até da Lei de Proteção aos Animais. O torturador é levado ao grau mais baixo de degradação humana e o torturado a sofrimentos físicos e morais que o marcam pelo resto da sua vida. Embora manifeste-se frequentemente apenas como capricho, sadismo ou simples antipatia por determinado preso, o objetivo principal da tortura é quebrar a vontade e a resistência do indivíduo, tornando-se assim recurso eficiente para evitar informações e obrigar a assinatura de depoimentos forjados. Quando a vontade e a resistência apesar de tudo, permanecem firmes, o resultado é, invariavelmente, a hospitalização ou morte do supliciado - facilmente comprováveis por uma investigação séria, são conhecidos um caso de morte em Minas, sendo o falecido de nome João Lucas Alves, ocorrido em fevereiro passado, e dois na PE da Vila Militar da Guanabara, Vianna e Chael Charles. - Se julgam que com o emprego destas violências irão dobrar a vontade e a determinação daqueles que, como nós, contestam os valores do regime, enganam-se, porque apenas conseguem reforçar a consciência nossa e do povo, de que uma sociedade empregando esta escória humana para reprimir manifestações ideológicas e promover a decorando-a por seus sucessos, vem mais uma vez confirmar a necessidade de serem alterados radicalmente seus fundamentos.

Acreditamos que em nenhuma das outras fases da repressão política na história do país a tortura física e psicológica tenha sido utilizada com tamanha acuidade técnica, violência, colume e sadismo, como neste ano de 1969. Embora os fatos aqui descritos indiquem que em Minas Gerais os métodos empregados não alcancaram os requintes e a sofisticação observados em São Paulo, por exemplo, provaremos que todos são idênticos em sua brutalidade básica.

Daremos a seguir, uma descrição sumária dos métodos utilizados nos casos aqui relatados. Estes métodos são por demais conhecidos, empregados diariamente há longo tempo na repressão a criminosos comuns, principalmente nas Delegacias de Furtos e Roubos e descritos minuciosamente por vários autores notadamente Marcio Moreira Alves em Torturas e TORTURADOS ONDE SÃO RELATADOS FATOS OCORRIDOS durante a repressão política de 1964.

O Clássico pau de arara: Tão eficiente quanto as torturas médicas, ao contrário destas, no entanto, não necessita de mecanismos complicados para sua execução; é prático e simples: monta-se na hora, em qualquer local. A pessoa é sentada com as coxas encostadas ao abdome;

passa-se uma roliça de madeira ou de ferro sob os joelhos; os braços são passados sob a barra, cada um pelo lado externo de uma das pernas e os pulsos são atados. Finalmente, colocam-se as extremidades da barra, cada um pelo lado externo de uma das pernas, e os pulsos são atados. Finalmente, colocam-se as extremidades da barra sobre duas mesas. Dependendo da resistência da vítima e do desenrolar do interrogatório paralelo, esta posição pode prolongar-se de poucos minutos a várias horas, gerando uma crescente pressão sobre braços e pernas; começa uma sensação de formigamento nas mãos e nos pés, que em breve tornam-se insensíveis. Simultaneamente, são aplicadas outras formas de suplício.

Espancamentos e sevícias: o espancamento é a forma mais simples e primitiva de infligir sofrimento físico. Nos casos aqui citados geralmente ministrado simultaneamente por mais de um torturador, usando-se pés, mãos, cassetete de metal, borracha ou madeira, cabos de aço, cintos militares, achas de lenha e coronhas de revólveres, atingindo-se cabeça, tronco, membros e órgãos genitais, enfim, todo o corpo. Embora provocassem em alguns casos fraturas em braços e pernas e a perda de alguns dentes, na maioria das vezes as consequências foram hematomas de larga extensão e dores atroz, de curta duração. Os resultados sobre os órgãos internos, possíveis nestas circunstâncias, são de difícil constatação; no entanto, ocorreu um caso evidente de amnésia parcial. O chamado "telefone", método particularmente cruel, prejudicou irremediavelmente a audição de alguns torturados. O torturador usa as duas mãos para bater violenta e simultaneamente sobre os ouvidos, provocando uma pressão insurportável nos tímpanos.

São nas sevícias que os torturadores tem um campo mais vasto para dar largas a sua imaginação: queimaduras com pontas de cigarros enforcamentos parciais, introdução de objetos no ânus e na vagina, perfuração com tesoura, cortes com lamina de barbear. Quando o torturado é uma jovem, as sevícias alcançam seu grau mais virulento, pisoteando-se a dignidade feminina.

Choques elétricos: em quase todos os casos aqui citados, foi utilizado o telefone de campanha do Exército, modelo TF-201 que produz uma corrente alternada de baixa frequência, com aproximadamente 100 v. girando-se a manivela do magneto. É muito prático para os torturadores: leve, fácil manejo, comodamente transportável e, o que é mais importante, abundante nas unidades militares. Os caminhos percorridos pela corrente elétrica no organismo podem variar, dependendo dos pontos onde se fixem as extremidades dos dois fios: as orelhas, língua e face, as mãos, órgãos genitais e anus, braço e perna, etc. Este tipo de choque provoca principalmente contrações e flexões involuntárias dos músculos, com as consequentes convulsões; quando o músculo percorrido pela corrente elétrica pertence a um órgão interno, o sofrimento é naturalmente mais acentuado.

Torturas morais e psicológicas: vão desde a agressão verbal, pura e simples, porém continuada e constante, até ameaças de represalias contra pais, esposas e filhos, algumas vezes concretizadas, e passando pelas montagens ostensivas de preparativos de fuzilamentos e esterilização, sendo a execução desta última facilitada pela realização do interrogatório nas dependências do 12º RI. Um método muito usado foi o de colocar a pessoa nua, deitado no chão e cercá-la de cães policiais, continuamente açulados, sobre a vítima; claro que o zelo dos policiais não foi suficiente e para evitar algumas mordidas.

Julgamos, diante de nossa experiência, e o Conselho talvez julgue, colocado ate agora apenas perante rumores, que seja difícil provar a realização de torturas; na maioria dos casos, eles tiveram bom senso bastante para não deixar marcas visíveis e evitar a presença de incomodas testemunhas. Em várias ocasiões, no entanto, a furia desenfreada mandou algumas vítimas para hospitais, onde ficou patente para médicos, enfermeiros e funcionários qual a origem daquelas chagas. No 12 RI, as torturas eram efetuadas no interior da enfermaria, quase sempre na presença de soldados em tratamento. Na Colonia Penal Magalhães Pinto a vista de todos presos políticos, presos comuns em regime de recuperação e funcionários com a convivência complacente do diretor do estabelecimento.

No auge de sua fúria, as feras não se incomodaram com os olhares horrorizados de mães em visita, nos momentos em que retiravam as vítimas das celas e as levavam, empunhando ostensivamente seus instrumentos de suplício. Os ferimentos provocados pelas torturas eram atendidos sempre pelo enfermeiro improvisado da penitenciária, embora demandassem, devido à sua gravidade, a assistência constante de um médico; neste local a violência crescente dos maus tratos chegou a provocar a indignação de um oficial de dia da guarda.-

Denunciamos de forma global o IPM presidido pelo Tenente Coronel Camarão. Todas as declarações, informações, depoimentos e assinaturas foram extraídas sob coação moral e física. Naturalmente é impossível citar aqui o desenrolar dos fatos minuto a minuto, mas lembramo-nos claramente de como os depoimentos eram ditados pelo interrogador, sublinhando palavras, colocando frases injeridas em letras maiúsculas e mandando datilografar como declarações de indiciados histórias mirabolantes baseadas em meras suspeitas ou indícios, sempre sob ameaças de repetição das sessões de "sugesta", forma como denominam a tortura.-

Nossa denúncia, senhores, não é resultado de uma investigação e pode ser, do ponto de vista jurídico, falha e inconsistente. Consideramo-la somente como um relato circunstanciado e honesto de um cotidiano que se estendem por vários meses. De qualquer forma, no entanto, colocamo-nos à disposição dos senhores membros do Conselho para, pessoalmente relatar detalhes, informar sobre testemunhas e exibir algumas marcas que testemunharão para o restante de nossos dias a existência destes monstros pressurosamente condecorados e promovidos pelos seus superiores, devido à sua eficiência na defesa dos valores da civilização cristã e ocidental.-

#### TORTURADORES CITADOS:

-- Exército- General Itiberê do Amaral Gouveia, Comandante da 4ª RM; Surgiu no Departamento de Instrução da Polícia Militar em Belo Horizonte, onde, por volta de 10 de abril deste ano estava sendo interrogado e torturado um grupo de presos distribuindo ameaças de fuzilamento e represálias contra familiares e dando cobertura verbal para as torturas.-

Tenente Coronel Alfredo Camarão de Albuquerque, oficial do CPOR de Belo Horizonte, presidente do IPM, emprestou a respeitabilidade de seu nome para encobrir os crimes cometidos no inquérito. A princípio afastado nos momentos de suplícios, foi aos poucos envolvido na roda - viva da violência e passou a surgir abertamente como mandante e até participante das torturas.-

-- Capitão Hilton de Paula Cunha Portella, já promovido a major; sintomaticamente a mola mestra do IPM, tem uma longa e sangrenta história e tradição como torturador. É citado por Márcio Moreira Alves e será citado continuamente aqui.

-- Capitão Gomes Carneiro: embora presidente de outro inquérito paralelo ao nosso, será citado aqui.

-- Coronel Goes: presidente de um terceiro IPM, foi destituído pelos superiores em determinada altura; não sabemos se por incompetência ou excesso de violência. Seu inquérito foi literalmente um massacre dos indiciados, notabilizando-se também pelos espancamentos e sevícias em moças, algumas delas recolhidas a outra ala de nossa atual prisão.

-- Tenente R-2 Marcello Paixão, do 12 RI; membro do "Comando de Caça aos Comunistas, tornou-se torturador por vibração cívica".-

-- Tenente R2 Ronaldo de Souza, do 12 RI;

-- Tenente R2 Del Menezzi, do 12 RI;

-- Sargentos Szulo e Averno; escolhidos como auxiliares do IPM não pela sua capacidade de investigação, mas sim pelo vigor físico e eficiência nos espancamentos.

-- Cabo Hilton: promovido de chofer do Ten. Cel. Camarão a torturador.

POLÍCIA MILITAR de Minas Gerais: a maioria dos torturadores procede da G-2, órgão de Segurança do Estado Maior da PM. Seus traços comuns são a brutalidade e o sadismo.

-- Major Rubens Vaz;

-- Major João Teixeira Vicente, escrivão do IPM

- Capitães Pedro Ivo dos Santos, Aécio, Lacerda e Jésu;
- Tenentes Marcello e Pádua;
- Sargentos Leo, Machado, Jorge, Nonato, Montanha, Praxedes, Franklin. Para caracterizar este grupo no que tem em comum, podemos citar uma frase de : "A única coisa que sei fazer é bater em comunista. Meu maior prazer é ver um de vocês apontar-me na rua e dizer: vejam, foi aquele que destruiu-me os pulmões.
- Soldados - Vicente e Buião--
- DOPS OU DVS de MG: seus policiais, bastante conhecidos, deram uma contribuição importante a este festival de brutalidade.
- Delegado- Tacir Menezes Sias
- Investigadores: Frederico, Scoralick, José Aparecido e outros.

#### TORTURADOS

1- Délio de Oliveira Fantini, secundarista, 18 anos; No momento de sua prisão, em 5 de fevereiro de 1969, foi atacado a socos e pontapés. Levado para a 12ª Delegacia, no Barreiro, em Belo Horizonte, foi cercado por um grupo de agentes do DOPS, que passaram a espancá-lo; em virtude de pontapés recebidos na cabeça, desmaiou. Levado para o Dops, foi chamado um médico para constatar se estava dopado, sendo negativo o resultado do exame. Foi sentado em uma cadeira com as mãos algemadas para trás; enquanto um policial o interrogava, dois outros o esmurravam, um pela frente, outro por trás. Recebeu pontapés no abdômen e foi ~~algemado~~ ~~em~~ e foi queimado com pontas de cigarro. Pendurado no "pau de arara", passaram a balançar seu corpo e a espancá-lo os pés com um cassetete tamanho família. Ligando dois fios a uma tomada da parede, um dos policiais fixou um dos polos na barra de ferro do pau de arara, e, com o outro, percorreu diversas partes do corpo de Délio, especialmente sobre o peito, nádegas e penis; a seguir, o torturador segurando quase juntos as duas extremidades dos fios, começou a provocar curto-circuitos sobre o corpo de Délio, produzindo-se queimaduras cujas cicatrizes ainda são visíveis. Diversos outros prisioneiros foram levados a assistir a cena, e ameaçados de sofrer igual tratamento. Seu estado consequente foi constatado por diversos outros prisioneiros, entre eles Júlio Antônio Bittencourt, João Anunciato dos Reis e Matusalém Bretas, indicados no inquérito do Coronel Medeiros, e que passaram por tratamento semelhante. Na noite seguinte produziu-se uma hemorragia no crânio de Délio, sendo por isto internado no Hospital do Pronto Socorro, onde permaneceu cerca de 20 dias. Radiografias constataram a presença de fraturas em três pontos do crânio, ~~em~~ uma no pé esquerdo e outra no braço esquerdo, exigindo esta última intervenção cirúrgica, que foi efetuada no Hospital da Cruz Vermelha. Seu rosto ficou praticamente irreconhecível durante dois meses, registrando-se ainda a perda de três dentes. Seus torturadores foram Tacir Menezes Sias, Scoralick, Frederico, José Aparecido e outros;

2- Antônio José de Oliveira, operário;  
Prisioneiro também no dia 5 de fevereiro, em companhia de Délio Fantini, foi igualmente levado para o Dops, com o pulmão esquerdo varado por dois projéteis, 45 e a perna esquerda atingida por um terceiro. No Dops, passou por duas horas de espancamento, sendo depois removido para o Hospital do Pronto Socorro, onde foi medicado; seus torturadores foram os mesmos citados no caso 1. Dois meses após, no 12 RI, passou por várias sessões de choques elétricos e espancamentos, ministrados principalmente pelo Capitão Portella e Major Teixeira.

3- José Adão Pinto, secundarista.--  
Prisioneiro a 8 de abril de 1969, foi levado para a G 2, onde inicialmente foi ameaçado por cães, da forma descrita anteriormente. Logo após, atacado a socos e pontapés pelo Capitão Aécio, Tenente Pádua e Major Rubens, auxiliados por alguns dos sargentos citados. O Delegado de Furtos e Roubos, Lara Rezende, bem como o Superintendente do Policiamento do Estado, Luís Soares da Rocha, também o torturaram nesta ocasião. Continuando os espancamentos,

José Adão dos Matos, encontrando a seu lado, quando voltou a si, o Secretário de Segurança Pública, Joaquim Ferreira Gonçalves, que lhe disse: - "Se dentro de 10 minutos você não falar o que sabe, eu o entrego a êsses interrogadores". Passados 10 minutos reiniciaram-se as torturas no mesmo ritmo prolongando-se até a madrugada, registrando-se choques elétricos na cabeça, língua e órgãos sexuais. Rasgado, sangrando e queimado com pontas de cigarro, foi transportado para o Dops, onde passou no dia seguinte por novas sessões de espancamentos ministrados por Tacir Menezes Sia e José Aparecido. Nos dias 11 e 12 do mesmo mês esteve no DI da PM, levando tesouradas, cassetetadas, socos e pontapes, partidos dos mesmos elementos citados na G-2. No dia 18 de abril, na penitenciária, foi espancado pelo Capitão Portella e Sargento Saulo, levando socos, pontapes e telefones. Nesta sessão foram quebrados seus olhos. No dia 21 de abril, no mesmo local, foi chutado e esmurrado pelo Capitão Portella, na presença do Cel. Camarão. No dia 25 do mesmo mês, foi levado ao pau-de-arara, pelos Capitães Pedro Ivo dos Santos e Accio. Neste mesmo dia assistiu ao espancamento de José Alfredo pelo Capitão Pedro Ivo dos Santos. Em princípios de maio sofreu novas torturas no 12 RI, principalmente por parte do Capitão Portella. Em fins de maio, espancado conjuntamente pelo Capitão Portella, Capitão Pedro Ivo e Ten. Del. Menezzi e Capitão Accio, perdeu os sentidos. Voltando a si, o Capitão Portella empunhou o cabo de uma vassoura e forçou a entrada dêste em seu ânus. Em 5 de junho, no 12 RI, foi espancado pelo Capitão Gomes Carneiro, levando choques elétricos. Os contínuos espancamentos trouxeram-lhe problemas de hemorróidas, ficando também quase cego de um olho. Em 13 de junho, no 12 RI, assistiu ao espancamento de Rogério Campos Teixeira. Em 17 e 18 de junho, foi novamente espancado. Em 12 de julho, assistiu em Governador Valadares, torturas inflingidas a "lias Siqueira e outros. Em 14 de julho, na penitenciária, espancado novamente pelo Capitão Portella. A 10 de agosto, no 12 RI, levou marteladas, choques elétricos, chutes e socos. Em 2 de setembro no 12 RI, foi agredido pelo Cap. Portella, assistindo ainda a tortura de Ápio Costa Rosa pelo Ten. Ronaldo de Souza.

4 - Lúcio Dias Nogueira, secundarista, 18 anos. Prêso juntamente com José Adão, Lúcio enfrentou ao lado dêste as maratonas da G2, Dops e DI da PM. Em 16 de abril, na penitenciária, foi levado ao pau-de-arara, pelo Major Rubens, Capitão Pedro Ivo, Capitão Accio e Ten. Padua. As pancadas que levou na cabeça neste dia provocaram amnésia, que durou varios dias. Em setembro, no 10º RI de Juiz de Fora, foi ameaçado juntamente com Délio Fantini e Geraldo Clemente Soares, pelo Te. Cel. Ralph de serem fuzilados, chegando a montar-se os preparativos.

5 - Celso Aquino Ribeiro - funcionário público. Prêso em 27 de junho, em Lagoa da Prata. Durante seu transporte para Divinópolis, feito do automóvel, seus captores desviaram o veículo para uma variante existente a certa altura da estrada, onde foi despedido e encostado a uma cerca de arame farpado, passando a ser agredido a socos e pontapes, pauladas e golpes de cassetete, corria de ventilador e mangueira plástica. Recebeu ainda alguns telefones. Finalmente, para intimidá-lo, dispararam varios tiros, que passaram ora ao lado do corpo, ora sobre a cabeça e entre as pernas. Colocado novamente no automóvel, foi espancado até o local do destino, Quartel da Companhia da Polícia Militar de Divinópolis, perdendo três dentes no trajeto. Participaram da diligência os Capitães Portella e Pedro Ivo, Ten. Padua e soldado Buião. No quartel da PM em Divinópolis, no mesmo dia, prosseguiram os espancamentos, com o concurso também do Cp. Accio e do Ten. Faria, comandante do destacamento. Foi levado ao pau de arara, por 8 vêzes consecutivas, com permanência variavel de 15 a 25 minutos. Violentamente golpeado a cassetete, colocaram sal em seus olhos, narinas e boca, despejaram coca-cola e agua nas suas narinas. A seguir, veio a sessão de choques elétricos, já com a participação do Major Teixeira, Ten. Souza e soldado Vicente, que durou até a madrugada. No dia seguinte, 28, no 12 RI, choques e pancadas ministradas por Portella. No dia 29, no Batalhão de Guardas da PM, recebeu pancadas durante três horas seguidas, dadas por Portella e Pedro Ivo. A 30 de junho e a e de julho, no 12 RI, novamente es-

15 - José Alfredo, operário.  
Prêso em 9 de abril, foi torturado no DI da PM e na penitenciária.  
No DI, com a presença do Cel. Drumond, Comandante da unidade. Espancado pelo Cap. Pedro Ivo e Sargentos Nonato e Machado. Foi ferido com uma tesoura.

16 - Antônio Magalhães, funcionário público.  
Torturado no Dops, em julho, pelo Cap. Portella, Sargento Averno, cabo Hilton e pelo Delegado Racir Monções SIA.

17 - Márcio Araújo de Lacerda, universitário.  
Torturado na G2, em 4 de julho, pelo Cap. Portella, Ten. Pádua, Sargentos Jorge e Nonato.

18 - Marco Antônio Victória Barros, secundarista.  
Torturado no DI da PM em abril, pelo major Tubens.

19 - Elias Siqueira, secundarista.  
Torturado no 6º Batalhão da PM em Governador Valadares, pelo Capitão Accio, ten. Pádua, o Sargento Machado e na penitenciária, pelo cap. Portella, cap. Pedro Ivo, Major Teixeira e Ten. Souza. Perdeu parcialmente a audição no ouvido esquerdo devido aos golpes de "telefone".

20 - Demétrio Rocha Ribeiro, funcionário público.  
Torturado no 12 RI, pelo Cap. Portella e Ten. Marcello Paixão.

21 - Túlio, quintanista de Engenharia na Guanabara. Torturado na penitenciária, em maio, pelo Sargento Leo.

22 - Arnaldo Fortes Drumond, estudante secundarista. Torturado pelo Te. Pádua e Sargento Jorge, em abril.

23 - Maria Mendes Barbosa, universitária.  
Conduzida presa ao 12 RI, em 6 de julho, foram-lhe arrancados depoimentos e confissões sob torturas que duraram das 20 horas desse dia, das 14 horas do dia seguinte, como se segue:

- Despida violentamente por várias vezes pelo Cap. Pedro Ivo, sendo obrigada a andar nua em sua frente a uma assistência composta pelo referido, mais cap. Portella, Major Teixeira, Ten. Ronaldo de Souza, Ten. Pádua e Sargento Leo. Espancada com chutes e golpes de karatê, nas costas, rosto, pernas e ao mesmo tempo beliscada com violência nos mamilos e regiões gúteas, todos estes atos praticados em conjunto por Portella, Pedro Ivo e Pádua, que os reforçaram com palavras de baixo calão. - Forçada a ficar de pé e nua numa cadeira, posição em que o sargento Leo lhe atou os fios de um telefone de campanha às mãos e pés, tendo caído da cadeira em conseqüência dos choques. - Tentativa de estrangulamento pelo Cap. Pedro Ivo, causando-lhe asfixia ~~parcial~~ parcial e contusão no pescoço. Vítima também do telefone. Durante todo o tempo em que durou a tortura-interrogatório, foi agraciada com propostas indecorosas (tendo seido, inclusive, sorteada entre os presentes) e ultrajada com as mais ignóbeis expressões e atos (o Ten. Pádua chegou a agredí-la sexualmente com um cassetete), no mais vil ataque violento ao pudor que se possa caracterizar.

24 - Conceição Imaculada de Oliveira, operária.  
Torturada pelo Cap. Portella em junho. Levou socos e choques elétricos.

Queremos também denunciar o bárbaro assassinato de Nelson José de Almeida, ocorrido em Teófilo Otoni, em 12 de abril. Após ser algemado, fez menção de fugir, desvencilhando-se das mãos de seus captores. Sua corrida foi interrompida alguns metros à frente por uma bala calibre 38 disparada por um oficial da G2, irmão do Ten. Marcello Pade Tãh. Finalmente, denunciámos, por terem sido por nós presenciados ou chegados ao nosso conhecimento pelas próprias vítimas, as torturas inflingidas as seguintes pessoas:

- No inquérito presidido pelo Cel. Medeiros, c. Belo Horizonte: Ângelo Pezutti, Murilo da Silva, Jorge Nahas, Maurício Paiva, Pedro Paulo, Bretas, Matos de tal, Afonso Celso Lana, Erwin Rezende, Júlio Bittencourt, Nilo de Tal. Torturados no ~~xxx~~ DOPS, Delegacia de Furtos e Roubos, 12 RI, em Belo Horizonte, e na PE da Vila Militar da Guanabara.

- No inquérito presidido pelo Cap. Gomes Carneiro, em Belo Horizonte - estudante - estudantes conhecidos como José Antônio, Pery e outros. Torturados no 12 RI e no Colégio Militar de Belo Horizonte.

-- No inquérito presidido pelo Cel. Góes, em Belo Horizonte, destacando-se como torturadores o referido coronel, mais os capitães Jesus e Lacerda, Tenente Pádua, Sargento Leo e outros. Foram torturados no 12 RI, na G2, Colônia Penal Magalhães Pinto (penitenciária) e no DI da PM, as seguintes pessoas: - Elmo Coelho da Silva, motorista de taxi; José Afonso, advogado; Max da Costa, estudante; Gildásio de Tal, estudante; Mário de Tal, operário; Enio de Tal, operário; Carlos Melgaço de Almeida, médico e sua esposa Loretta de Almeida; cinco outras jovens cujos nomes não são de nosso conhecimento e que se encontravam em outro pavilhão da penitenciária de Juiz de Fora. Devido às torturas, Carlos Melgaço foi internado no Hospital do Pronto Socorro e no Hospital Militar, em Belo Horizonte, onde permaneceu vários meses.

Resta ainda relatar um fato ocorrido há poucos dias aqui na Penitenciária: tomando conhecimento de que os prósos aqui recolhidos estavam preparando denúncias de torturas, o já bastante citado Major PM João Teixeira Vicente penetrou na penitenciária e usando de meios excusos, apoderou-se do documento onde os indiciados no inquérito do Cel. Medeiros fazem suas denúncias.

Juiz de Fora, dezembro de 1969.

a)

Márcio Araújo de Lacerda  
José Alfredo  
Celso Joaquim  
Dacelle Freitas Castro  
José Adao Pinto  
Antônio José de Oliveira  
Elias Siqueira  
Arnaldo Fortes Drumond  
Marco Antônio Victoria Barros  
Délcio de Oliveira Fantini  
Demétrio Rocha Ribeiro.